

Desemprego cai e renda sobe, mas calote explode no Brasil

Crédito País dos endividados

Inadimplência avança no Brasil, apesar do desemprego em baixa

— Em outubro, 73,1 milhões de brasileiros estavam com compromissos atrasados; é a segunda maior marca da série histórica da Serasa, iniciada em 2016

MÁRCIA DE CHIARA

Mesmo com o desemprego em baixa e a renda em alta, a quantidade de brasileiros que não consegue pagar as contas em dia tem aumentado. Em outubro, pelo segundo mês seguido, o número de inadimplentes cresceu: 73,1 milhões de pessoas não quitaram seus compromissos. Em janeiro, eram 72,9 milhões. Essa é a segunda maior marca de inadimplentes da série histórica iniciada em 2016. Só perde para o pico registrado em abril deste ano (73,4 milhões),

apontam dados da Serasa, empresa especializada em informações financeiras, obtidos com exclusividade pelo Estadão.

O aumento da taxa básica de juros a partir de setembro deste ano, a escalada da inflação de alimentos, puxada pela carne bovina, e o redirecionamento do consumo das famílias de produtos para serviços, entre os quais estão os jogos eletrônicos, as bets, são fatores que têm corroído o orçamento das famílias e dificultado a quitação dos débitos no prazo, segundo economistas.

"Independentemente do in-

dicador utilizado, sejam dívidas em atraso, seja a capacidade de pagamento, houve uma tendência de alta da inadimplência no curto prazo", afir-

No vermelho
Dado de outubro só perde para o pico de 73,4 milhões de endividados, registrado em abril deste ano

ma o economista da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), Fabio Bentes.

A piora aparece em vários indicadores da CNC. Em fevereiro, 28,3% das famílias estavam com contas em atraso, índice que subiu para 29,3% em outubro. A parcela das famílias inadimplentes também subiu no curto prazo: era 11,9% em julho e subiu para 12,6% no mês passado.

Além disso, o percentual de famílias com dívidas pendentes há mais de 90 dias avançou em outubro ante setembro e atingiu mais da metade (50,4%) do total de endividados. Foi o maior resultado desde fevereiro de 2018, aponta a CNC.

Dados do Banco Central (BC)

reforçam a virada a partir do segundo semestre da inadimplência dos créditos com recursos livres e vencidos acima de 90 dias. Em junho, esse indicador de inadimplência era de 5,48% dos créditos a receber, número que subiu para 5,62% em setembro - último dado disponível.

O VILÃO. No cartão de crédito parcelado, segundo dados do BC, a inadimplência acima de 90 dias atingiu 11,89% em setembro (mês em que começou novo ciclo de alta da taxa básica, a Selic, que encarece os juros, portanto a situação se agravou). É a maior taxa desde o início da série, em março de 2011. "As famílias estão penduradas no crédito mais fácil, no cartão parcelado, onde o critério (de concessão) é frouxo", diz.

Luiz Rabi, economista da Serasa, compara a situação atual da inadimplência a um paciente internado numa unidade de terapia intensiva (UTI). "É um caso grave, preocupante, mas administrável", avalia. ●

EM QUASE 3 ANOS, NÚMERO DE DEVIDORES SOBRIU CERCA DE 11 MILHÕES. PAG. B2

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia & Negócios Caderno: B Pagina: 1